



VIDA RELEVANTE II COMUNHÃO COM JESUS ESTUDO 792

“... o que vimos e ouvimos, isso vos anunciamos, para que também tenhais comunhão conosco; e a nossa comunhão é com o Pai e com seu Filho Jesus Cristo.”

I João 1:3

Estudo: 8 de janeiro 2026

Igreja: 21 de janeiro 2026

INTRODUÇÃO

Neste mês de janeiro, o Espírito Santo nos conduz a uma pergunta essencial: O que realmente torna a nossa vida relevante para Deus? Não buscamos relevância diante das pessoas, nem reconhecimento humano ou resultados visíveis apenas, como aprendemos nas Primícias.

Nosso desejo é agradar ao Senhor. E a Escritura nos ensina que agradar a Deus não começa no que fazemos para Ele, mas em andar com Ele em comunhão (I Jo 1:3).

Ao longo deste mês, caminharemos por quatro dimensões fundamentais da comunhão cristã: com Deus Pai (*estado na semana passada*), com Jesus Cristo, e, nas próximas semanas, com o Espírito Santo e com os irmãos.

Estes temas não competem entre si; eles se complementam e revelam a maturidade de uma fé viva, saudável e bíblica. Em todos eles, uma mesma ação prática sedimenta a comunhão: uma vida devocional diária, intencional e constante.

Hoje, ao estudarmos sobre a comunhão com Jesus. Não falaremos apenas em conhecer Jesus, mas em viver com Jesus. Existe uma diferença entre saber quem Ele é, e permanecer n'Ele (Jo 15:4).

Existe uma diferença entre servi-Lo à distância e caminhar diariamente ao Seu lado. É possível estar ocupado com muitas tarefas espirituais e, ainda assim, perder o essencial, a comunhão íntima com Jesus. (Lc 10:38-42)

Por isso, esta palavra nos convida a revisar prioridades, focos e escolhas. Ao tratar deste tema, consideraremos três fundamentos que sustentam a comunhão com Cristo:

- A graça que nos alcançou (Ef 2:8-9),
- A fé pela qual vivemos (Gl 2:20),
- A identidade que recebemos n'Ele (II Co 5:17),

Que seguem acompanhados de um elemento indispensável:

- E a vida devocional diária, como atitude contínua que desenvolve, preserva e aprofunda essa comunhão (Sl 1:1-3; Mt 6:6)

O nosso objetivo, ao final deste estudo, é muito claro: desejamos sair com um coração mais rendido a Cristo, uma vida devocional mais firme e escolhas mais alinhadas com a presença de Jesus em nós.

Queremos que a nossa comunhão com Ele deixe de ser ocasional e se torne o centro da nossa vida diária. Porque, quando nós permanecemos em Cristo, a nossa vida se torna, de fato, relevante para Deus.

Desfrute!



Conectando-se ao Tema (definição)

Comunhão traduz o termo grego **koinonía** (κοινωνία)¹, que significa participação ativa, partilha de vida, associação íntima e vínculo relacional contínuo. No hebraico bíblico, a ideia se aproxima de **ḥabar** (חֲבָר) ², “unir; ligar-se; associar-se”.

No Novo Testamento, *comunhão* não é mera proximidade espiritual, mas participação real na vida de Cristo, implicando identidade compartilhada, compromisso e permanência. Ter comunhão com Jesus é viver unido a Ele, participando de Sua vida, graça e missão, de modo contínuo e transformador (I Jo 1:3; Jo 15:4).

FUNDAMENTOS DA COMUNHÃO COM JESUS

1. A GRAÇA, QUE NOS ALCANÇOU

A comunhão com Jesus sempre começa pela graça, nunca pelo esforço humano. Graça traduz o termo grego **cháris** (χάρις)³, que expressa favor imerecido, iniciativa divina e ação salvadora de Deus em favor do ser humano. Isso significa que não fomos nós que nos aproximamos de Cristo, mas foi Ele quem nos alcançou primeiro. A comunhão não nasce do mérito; nasce da misericórdia revelada na cruz (Ef 2:8-9).

Esse ponto é fundamental, porque sem a compreensão correta da graça, a comunhão se degenera em religião. Quando a graça é esquecida, a vida cristã passa a ser medida por desempenho, comparação e culpa. Paulo afirma que toda a vida cristã, do início ao fim, é sustentada pela graça. Não apenas fomos salvos por ela; continuamos vivendo por ela.⁴ (Rm 5:1-2)

Além disso, a graça não apenas nos perdoa; ela nos convida à permanência. Jesus não chamou os discípulos apenas para crerem n'Ele, mas para estarem com Ele (Mc 3:14). Essa permanência não é fruto de esforço humano, mas da graça que sustenta a comunhão diariamente. Quando essa verdade se perde, corremos o risco de substituir comunhão por ativismo espiritual, medindo nossa vida cristã por atividades e não por proximidade com Cristo.⁵ (Jo 15:4-5).

Assim, compreender a graça é essencial para uma comunhão saudável com Jesus. Quem vive pela graça se aproxima de Cristo com confiança, não com medo; com gratidão, não com barganha. A graça nos coloca aos pés do Senhor e nos mantém ali, conscientes de que tudo começa, continua e termina n'Ele.

Observe a ação da Graça:

1.1 - A graça que nos une a Cristo e não apenas nos perdoa.

A graça não atua apenas no momento do perdão; ela estabelece união real com Cristo. Paulo afirma que Deus nos abençoou “em Cristo” com toda sorte de bênçãos espirituais (Ef 1:3), indicando que a vida cristã não acontece ao redor de Jesus, mas n'Ele. A comunhão, portanto, nasce dessa união: não apenas recebemos algo de Cristo, participamos da Sua vida.

¹ Walter Bauer et al., *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*, 3rd ed. (Chicago: University of Chicago Press, 2000), 552–553.

² Ludwig Koehler and Walter Baumgartner, *The Hebrew and Aramaic Lexicon of the Old Testament*, rev. ed. (Leiden: Brill, 2001), 287; Gordon D. Fee, *Pauline Christology* (Peabody, MA: Hendrickson, 2007), 391–393.

³ Walter Bauer et al., *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*, 3rd ed. (Chicago: University of Chicago Press, 2000), 1079–1081.

⁴ John Stott, *The Cross of Christ* (Downers Grove, IL: IVP Academic, 2006), 154–158.

⁵ Antonio Gilberto, *Teologia Sistemática Pentecostal* (Rio de Janeiro: CPAD, 2008), 355–358.



Essa união é apresentada no Novo Testamento como participação e pertencimento. Fomos “unidos ao Senhor” (I Co 6:17, 19 e 20), expressão que aponta para uma ligação profunda e contínua. A graça nos tira da condição de distanciamento e nos insere em uma comunhão viva, em que Cristo se torna nossa referência, fonte e direção. Aqui, a comunhão deixa de ser episódica e passa a ser relacional e constante.

Quando essa verdade é negligenciada, a fé tende a se reduzir a práticas externas. O cristão ora, serve e frequenta a igreja, mas vive como se estivesse separado de Cristo. A graça, porém, nos lembra que a comunhão não se sustenta no que fazemos para Jesus, mas no fato de que estamos unidos a Ele.

1.2 - A graça que nos liberta da barganha espiritual.

Um dos grandes perigos da vida cristã é transformar a comunhão com Jesus em barganha espiritual: fazemos, servimos, sacrificamos, esperando algo em troca. A graça, porém, nos liberta dessa lógica. O apóstolo Paulo afirma que tudo o que antes considerava lucro passou a ser perda “*por causa da exceléncia do conhecimento de Cristo Jesus*” (Fp 3:7-8) ⁶. Aqui, comunhão não é meio para alcançar bônus - Cristo é o próprio tesouro.

A graça corrige nossa motivação. Quando ela é compreendida, deixamos de nos aproximar de Jesus por interesse e passamos a buscá-Lo por quem Ele é. O desejo de “ganhar a Cristo” ⁷. (Fp 3:8-10) Revela assim uma relação marcada por rendição, não por negociação. A comunhão verdadeira nasce quando nada mais ocupa o lugar central no coração. *Enquanto houver algo que valha mais do que estar com Cristo, a graça ainda não foi plenamente acolhida.* ⁸

Esse princípio confronta diretamente as distrações espirituais e existenciais. É possível servir a Deus, frequentar a igreja e, ainda assim, perder o foco da presença.

A graça nos chama de volta ao essencial: *não buscamos Jesus pelo que Ele pode nos dar, mas porque fomos alcançados por Ele.* ⁹ Quando isso acontece, o serviço deixa de ser peso, e a comunhão deixa de ser interesseira, tornando-se expressão de amor, gratidão e entrega total.

1.3 - A graça que nos chama à presença antes do serviço

A graça não apenas nos perdoa e nos liberta da barganha espiritual; ela também nos chama à presença antes do serviço. No episódio de Marta e Maria (Lc 10:38-42), Jesus não reprova o servir, mas reordena as prioridades do coração. Marta está ocupada em fazer algo para Jesus; Maria, porém, escolhe estar com Jesus. A resposta do Senhor revela que a comunhão precede a atividade: “uma só coisa é necessária”. ¹⁰

Esse texto ensina que é possível amar Jesus, recebê-Lo em casa e, ainda assim, estar distraído d’Ele. A graça confronta essa inversão ao nos lembrar que a comunhão não nasce do muito fazer, mas do permanecer aos pés do Senhor. Antes de qualquer serviço cristão legítimo, existe um chamado à escuta, à atenção e à presença. Quando o serviço não flui da comunhão, ele gera ansiedade, comparação e peso espiritual. ¹¹

A graça, portanto, nos educa espiritualmente: ela nos convida a sentar, ouvir e aprender. É na presença de Jesus que o coração é alinhado, as motivações são purificadas e o serviço encontra sentido.

⁶ Gordon D. Fee, Paul’s Letter to the Philippians (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1995), 318–325.

⁷ Luciano Subirá, Até que Nada Mais Importe (Campinas, SP: Orvalho.com, 2010), 21–34.

⁸ Antonio Gilberto, Teologia Sistemática Pentecostal (Rio de Janeiro: CPAD, 2008), 355–358.

⁹ Stanley M. Horton, A Doutrina Bíblica do Espírito Santo (Rio de Janeiro: CPAD, 1996), 41–43.

¹⁰ Craig S. Keener, The Gospel of Luke: A Socio-Rhetorical Commentary (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2014), 312–314.

¹¹ Luciano Subirá, Até que Nada Mais Importe (Campinas, SP: Orvalho.com, 2010), 52–56.



- A igreja saudável é aquela que serve muito, mas serve a partir da presença e comunhão, e não em substituição a elas.

A comunhão verdadeira nasce quando escolhemos, como Maria, a “boa parte”, certos de que essa jamais nos será tirada.¹²

- Assim, a graça nos guarda de uma espiritualidade instável, marcada por altos e baixos emocionais. Ela nos mantém na presença do Senhor não porque somos constantes, mas porque Ele é fiel. Essa compreensão prepara o coração para o próximo fundamento: viver a comunhão pela fé, confiando continuamente naquilo que Deus já estabeleceu em Cristo.

- A graça nos colocou em Cristo; a fé nos mantém em Cristo.

2. A FÉ, PELA QUAL VIVEMOS

A comunhão com Jesus não é sustentada apenas pela graça que nos alcança, mas pela fé pela qual vivemos diariamente. No Novo Testamento, fé traduz o termo grego **pístis** (πίστις)¹³, que vai além de crença intelectual: envolve confiança, entrega e dependência contínua. A fé é o meio pelo qual permanecemos em Cristo, não apenas no início da vida cristã, mas em todo o seu desenvolvimento¹⁴. Por isso, Paulo afirma:

Gálatas 2:20

“... O viver que agora tenho na carne, vivo pela fé no Filho de Deus...”

Na Palavra do Senhor, fé não é sentimento momentâneo, mas postura relacional. Ela regula a maneira como nos aproximamos de Jesus, como interpretamos as circunstâncias e como perseveramos na comunhão mesmo em meio às lutas. Sem fé, a comunhão se fragiliza, pois passamos a depender do que vemos, sentimos ou controlamos. A fé nos mantém firmes quando a presença de Cristo não é percebida por nós, quando emocionalmente abalados. (II Co 5:7).

- Além disso, a fé protege a comunhão do legalismo e do ativismo religioso. Quando a fé é substituída por desempenho, a vida cristã se torna pesada e insegura. A fé verdadeira, porém, descansa na fidelidade de Cristo e não na constância humana.”

É por meio dela que permanecemos ligados ao Senhor, confiando que Aquele que iniciou a boa obra é fiel para completá-la (Fp 1:6). Assim, a comunhão com Jesus se mantém viva, estável e frutífera, mesmo em tempos de prova.

- Assim, a fé não é um acessório da vida cristã, mas o princípio diário que governa a comunhão com Cristo.

2.1 - A fé que nos mantém unidos a Cristo.

A fé é o elo vivo que nos mantém unidos a Cristo no cotidiano da vida cristã¹⁵. No texto base deste ponto 2, Paulo declara:

Gálatas 2:20

“... o viver que agora tenho na carne, vivo pela fé no Filho de Deus...”

¹² Antonio Gilberto, Prática da Vida Cristã (Rio de Janeiro: CPAD, 2011), 97–101;

¹³ Walter Bauer et al., A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature, 3rd ed. (Chicago: University of Chicago Press, 2000), 818–820.

¹⁴ Walter Bauer et al., A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature, 3rd ed. (Chicago: University of Chicago Press, 2000), 818–820.

¹⁵ Douglas J. Moo, Galatians (Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2013), 178–181.



Isso indica que a comunhão com Jesus não se sustenta apenas por uma experiência passada, mas por uma dependência contínua. Fé, aqui, não é apenas crer em Cristo, mas permanecer confiando n'Ele, mesmo quando as circunstâncias não são favoráveis.

Quando a fé enfraquece, a comunhão se torna instável, pois passamos a viver guiados pelo que vemos, sentimos ou controlamos, e não pela verdade da Palavra ¹⁶. O apóstolo Paulo exemplifica essa postura ao afirmar:

II Coríntios 5:7

"... andamos por fé e não por vista..."

A fé sustenta a comunhão nos períodos de silêncio e espera e na aparente ausência de respostas. Quando a vida cristã é guiada apenas pelo que se vê ou sente, a comunhão oscila; quando é guiada pela fé, ela se mantém estável. A fé não elimina dúvidas instantaneamente, mas decide confiar, apesar delas.

A comunhão madura não depende de emoções constantes, mas de convicção perseverante.

Viver pela fé significa confiar em Cristo para além das evidências visíveis. A Escritura define a fé como:

Hebreus 11:1

"A certeza das coisas que se esperam e a convicção de fatos que se não veem."

Essa definição não descreve negação da realidade, mas uma confiança que se anora na fidelidade de Deus, e não nas circunstâncias imediatas.

Assim, a fé cristã madura não exige sinais constantes para continuar caminhando. Ela se apoia no caráter de Cristo, na Sua Palavra e nas promessas já reveladas. Essa confiança perseverante guarda o coração do desânimo e prepara o discípulo para o próximo passo da fé: *submeter escolhas e decisões à confiança no Senhor, mesmo quando isso exige renúncia e obediência.*

2.2 - A fé que vence as distrações e as circunstâncias.

A fé que sustenta a comunhão com Jesus é também a fé que vence as distrações e interpreta corretamente as circunstâncias. Um dos maiores ataques à comunhão cristã não ocorre por meio do pecado explícito, mas por meio de distrações sutis que ocupam o lugar da presença.

A fé madura nos capacita a discernir o que é urgente do que é essencial, mantendo Cristo no centro, mesmo em meio às demandas da vida.

O apóstolo Paulo afirma que passou a considerar todas as coisas como perda:

Filipenses 3:8

"... por causa da excelência do conhecimento de Cristo... pela fé."

Essa declaração revela uma fé que não negocia prioridades.

Quando a fé é enfraquecida, as circunstâncias passam a ditar o ritmo da vida espiritual; quando a fé está firme, é a comunhão com Cristo que orienta decisões, escolhas e agendas.

- A fé não ignora as responsabilidades, mas impede que elas se tornem substitutas da COMUNHÃO.

¹⁶ Stanley M. Horton, Teologia Sistemática: Uma Perspectiva Pentecostal (Rio de Janeiro: CPAD, 1996), 532–534.



Esse princípio aparece de forma clara no relato de Marta e Maria. Marta permitiu que suas tarefas a distraísse da presença de Jesus, enquanto Maria, pela fé, escolhe permanecer aos pés do Senhor (Lc 10:38-42).

A fé, portanto, não é apenas crer que Jesus está presente, mas agir intencionalmente e conscientemente, dando a Ele prioridade absoluta.

Quando vivemos pela fé, não somos governados pelo ativismo, pela ansiedade ou pela pressão das circunstâncias, mas pela convicção de que nada é mais necessário do que estar com Cristo, e d'Ele virá tudo de que precisamos.¹⁷ Ela conduz a uma vida ordenada, coerente e perseverante, em que prioridades são revistas e decisões são tomadas com base na confiança de que obedecer a Cristo é sempre o melhor caminho, ainda que custe renúncia no presente.

2.3 - A fé que persevera e sustenta a comunhão.

A fé cristã não se manifesta apenas em momentos decisivos; ela se revela, sobretudo, na perseverança diária. A Escritura exorta:

Hebreus 12:1-2

“... corramos com perseverança a carreira que nos está proposta, olhando firmemente para Jesus...”

Perseverar pela fé significa continuar caminhando com Cristo mesmo quando o entusiasmo diminui, quando as respostas tardam ou quando a comunhão exige constância e disciplina.¹⁸

Paulo afirma em Romanos 11:20 que “... é mediante a fé que permanecemos firmes”. A fé sustenta a comunhão nos períodos de cansaço espiritual, protegendo o coração contra o desânimo e a desistência. Sem perseverança, a fé se torna episódica; com perseverança, ela se transforma em estilo de vida, capaz de atravessar crises sem romper a relação com Cristo.

Essa fé perseverante não se apoia na força humana, mas na fidelidade do Senhor. Por isso, Paulo declara estar “...plenamente certo de que aquele que começou boa obra... há de completá-la...”. (Fp 1:6)

A fé que persevera descansa nessa certeza: Cristo sustenta aquilo que Ele mesmo iniciou. Assim, a comunhão não depende da constância do discípulo, mas da graça e fidelidade do Senhor, recebidas e vividas pela fé¹⁹.

Essa compreensão prepara o caminho para o próximo fundamento: *a identidade que recebemos n'Ele, formada ao longo dessa caminhada perseverante.*

3. A IDENTIDADE QUE RECEBEMOS N'ELE

Identidade refere-se ao conjunto integrado de características que definem quem uma pessoa é, moldadas por pertencimento, relação cultura/história, valores, linguagem e práticas e/ou hábitos de vida. Ela não é apenas um rótulo, mas uma realidade construída e continuamente formada na relação com o outro e o contexto em que se vive.²⁰

No contexto bíblico é diferente:

II Co 5:17

“... Assim que, se alguém está em Cristo, nova criatura é: as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo. ...”

¹⁷ Antonio Gilberto, Prática da Vida Cristã (Rio de Janeiro: CPAD, 2011), 115–118.

¹⁸ Gordon D. Fee, Paul's Letter to the Philippians (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1995), 320–324.

¹⁹ Stanley M. Horton, Teologia Sistemática: Uma Perspectiva Pentecostal (Rio de Janeiro: CPAD, 1996), 533–536.

²⁰ Anthony Giddens, Modernity and Self-Identity (Stanford: Stanford University Press, 1991), 52–54.



Com esta base, “**identidade**” envolve:

- a. **Origem - (De onde venho?)** Refere-se à nova criação em Cristo. O crente não é mais definido por sua linhagem, etnia, cultura, etc., e/ou história de pecado, mas por seu novo ponto de partida no evento da redenção.
- b. **Referência - (A quem pertenço?)** Para Paulo, a identidade é estritamente **relacional**. Pertencer a Cristo como “Senhor” (*Kyrios*) é a marca distintiva do crente, substituindo qualquer outra lealdade anterior.
- c. **Direção - (Para onde caminho?)** Envolve a dimensão escatológica. A identidade cristã é orientada para o futuro, para a plena conformidade com a imagem de Cristo e o destino final com Deus, a vida eterna.²¹

Na vida cristã, identidade não é apenas uma condição espiritual declarada, nem uma posição espiritual abstrata, mas o resultado visível e progressivo da comunhão com Jesus, que passa a moldar nossa forma de pensar, escolher, reagir e viver. Assim, aquilo que Cristo é, pela comunhão, deve refletir-se em quem nós somos.²²

Isso é extraordinário, pois em Jesus Cristo não apenas somos salvos; passamos a refletir Sua vida em nós. Nossa comunhão contínua com Ele produz uma identidade que não é estática, mas relacional e formativa.

Assim como uma identidade cultural se constrói na relação com o território, a história e o meio social, a identidade cristã se constrói na relação diária com Cristo e Sua Palavra, na ação do Espírito Santo, no confronto com o mundo e na vivência comunitária entre os irmãos.²³

Por isso, Paulo afirma que, estando em Cristo, “... tudo se fez novo...”. Essa novidade não é apenas interior; ela se manifesta externamente. Quando a identidade em Cristo não é compreendida dessa forma, a fé se fragmenta: *o cristão crê corretamente, mas vive desconectado; confessa Cristo, mas reproduz valores que não refletem Sua vida.*

A identidade cristã saudável é aquela que traduz a comunhão em cultura espiritual, em valores visíveis e em um modo de viver coerente com Jesus. Não foi por acaso que, em Antioquia, os discípulos foram chamados de cristãos (At 11:26).

A expressão grega **christianos** (Χριστιανός) combina **Christos** (“Cristo, o Ungido”) com o sufixo latino - **ianus**, que indica “pertencente a” ou “do partido de”. Literalmente, significa “aquele que pertence a Cristo”²⁴. Era visível a todos que aqueles homens e mulheres, pela comunhão diária com Jesus, refletiam Cristo em sua maneira de viver.

3.1 A identidade que nasce da comunhão e do pertencimento a Cristo

A identidade cristã nasce, antes de tudo, de uma pergunta fundamental: *A quem eu pertenço?* O apóstolo Pedro afirma que os que estão em Cristo são “*geração eleita, sacerdócio real, nação santa, povo adquirido*” (I Pe 2:9-10). Essa linguagem não descreve apenas privilégios espirituais, mas pertencimento relacional e identitário. Pela comunhão com Cristo, deixamos de ser definidos pelo que éramos e passamos a ser definidos pelo Senhor que nos chamou.²⁵

²¹ Gordon D. Fee, Pauline Christology (Peabody, MA: Hendrickson, 2007), 389–401.

²² Antonio Gilberto, Teologia Sistemática Pentecostal (Rio de Janeiro: CPAD, 2008), 341–348.

²³ Stanley M. Horton, Teologia Sistemática: Uma Perspectiva Pentecostal (Rio de Janeiro: CPAD, 1996), 546–552.

²⁴ F. F. Bruce, The Book of the Acts (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1988), 229–231.

²⁵ Karen H. Jobes, 1 Peter (Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2005), 155–161.



Pedro escreve a cristãos dispersos culturalmente, mostrando que a identidade deles não era determinada pelo território, pela etnia ou pela pressão social, mas pelo relacionamento com Cristo. A comunhão com Jesus os havia formado como “*povo*”, mesmo em meio à dispersão. Assim, identidade cristã não é isolamento individual, mas pertencer a Cristo e, n’Ele, pertencer a um corpo.

²⁶

Paulo reforça essa ideia ao afirmar que Deus “*nos transportou do império das trevas para o Reino do Filho do seu amor*” (Cl 1:13). Identidade, portanto, envolve transferência de domínio: mudamos de referência, de autoridade e de direção. Já não somos moldados primariamente pelos valores do mundo, mas pelo Reino ao qual agora pertencemos.

Essa identidade se aprofunda na comunhão contínua. Jesus afirma:

João 10:27

“... as minhas ovelhas ouvem a minha voz... e elas me seguem.”

Aqui, identidade é relacional e formativa: ouvir, seguir e permanecer. A comunhão diária com Cristo forma uma identidade reconhecível, estável e coerente, que nasce do pertencimento e se manifesta na maneira de viver.²⁷

Assim, entramos em águas mais profundas: *identidade cristã não é um rótulo religioso, mas uma vida moldada pela comunhão, em que Cristo define quem somos, a quem pertencemos e como vivemos.*

3.2 A identidade que redefine valores e escolhas

Se a identidade cristã nasce do pertencimento a Cristo, ela se aprofunda quando passa a reordenar valores e orientar escolhas. Paulo testemunha esse deslocamento identitário ao afirmar que tudo o que antes considerava lucro passou a ser perda “*por causa da excelência do conhecimento de Cristo Jesus*” (Fp 3:7-8). Aqui, identidade não é apenas quem somos, mas redefine nossos valores. Nossa coração revela a identidade que vivemos.

Essa reordenação não elimina responsabilidades, mas muda o eixo da vida. A comunhão verdadeira mostra que Cristo não é um meio para que alcancemos fins, mas Ele é nosso objetivo e desejo final. Quando isto acontece, Cristo se torna o valor supremo, escolhas práticas são transformadas: *agenda, prioridades, uso do tempo, linguagem e relacionamentos.*²⁸ A identidade em Cristo deixa de ser apenas confessional e passa a ser operacional.

Esse processo é formativo e contínuo. Jesus ensina que onde está o tesouro, ali estará o coração (Mt 6:21). Valores moldam desejos - desejos moldam decisões. Assim, a identidade cristã madura não se constrói por imposição externa, mas por convicção interna gerada pela comunhão.²⁹ Quando os valores são redefinidos, as escolhas se alinham; e quando as escolhas se alinham, a vida passa a refletir Cristo de modo coerente e visível.

Entramos, então, em águas ainda mais profundas: *a identidade que recebemos n’Ele organiza a vida.* Não vivemos mais reagindo às pressões culturais ou às urgências do momento, mas escolhendo a partir do Reino ao qual pertencemos. Essa identidade forma uma espiritualidade estável, capaz de dizer “*não*” ao que distrai e “*sim*” ao que preserva a comunhão com Jesus.³⁰

3.3 A identidade que se manifesta como cultura cristã visível.

²⁶ Antonio Gilberto, Teologia Sistemática Pentecostal (Rio de Janeiro: CPAD, 2008), 343–346.

²⁷ Craig S. Keener, The Gospel of John: A Commentary, vol. 1 (Peabody, MA: Hendrickson, 2003), 823–826.

²⁸ Luciano Subirá, Até que Nada Mais Importe (Campinas, SP: Orvalho.com, 2010)

²⁹ Antonio Gilberto, Prática da Vida Cristã (Rio de Janeiro: CPAD, 2011), 115–120.

³⁰ Stanley M. Horton, Teologia Sistemática: Uma Perspectiva Pentecostal (Rio de Janeiro: CPAD, 1996), 549–552.



A identidade que nasce da comunhão com Cristo e redefine valores não permanece apenas no plano interior - ela se manifesta externamente como uma cultura de vida cristã. Foi em Antioquia, "... que os discípulos foram, pela primeira vez, chamados cristãos" (At 11:26). Esse título não surgiu por decreto, mas por percepção social: *a maneira de viver daqueles homens e mulheres tornava Cristo visível. A identidade gerada pela comunhão havia se tornado reconhecível.*³¹

A identidade cristã, portanto, não era apenas confessada - era observável. Isso revela que a comunhão com Jesus produz hábitos, linguagem, prioridades e relações que formam uma cultura distinta. Onde há comunhão real, há um modo de viver que reflete o caráter de Cristo no cotidiano.³²

Esse princípio também aparece no contraste entre Marta e Maria (Lc 10:38–42). Marta expressa uma cultura marcada pelo ativismo e pela ansiedade. Maria expressa uma cultura da presença e da escuta. A identidade moldada pela comunhão escolhe a "boa parte" e organiza a vida a partir da presença antes da performance. Assim, a identidade cristã saudável não rejeita o serviço, mas subordina o fazer ao ser e o ser à comunhão.

Quando essa identidade se consolida, o cristão passa a comunicar o Evangelho não apenas pelo discurso, mas pelo testemunho visível. Valores do Reino tornam-se práticas cotidianas e a fé torna-se estilo de vida. É assim que a identidade em Cristo cumpre seu propósito: *tornar Cristo visível no mundo, por meio de uma comunidade cuja cultura foi formada pela comunhão com Jesus.*

4. VIDA DEVOCIONAL DIÁRIA: A ATITUDE QUE DESENVOLVE, PRESERVA E APROFUNDA A COMUNHÃO

Se a graça nos alcança, a fé nos mantém e a identidade se forma, a vida devocional diária é a atitude indispensável que sustenta, aprofunda e preserva a comunhão com Jesus. Ela não é um elemento opcional da espiritualidade cristã, mas o ambiente onde a comunhão acontece e amadurece. Jesus ensina:

Mateus 6:6

"Entra no teu quarto, fecha a porta e ora a teu Pai."

Essa orientação revela que a comunhão exige intencionalidade, disciplina e constância.³³

A vida devocional não é mera prática religiosa, mas relacionamento cultivado. O salmista declara que "*o justo é como árvore plantada junto a ribeiros de águas, que dá o seu fruto no tempo certo*" (Sl 1:1–3). A imagem não descreve um encontro ocasional, mas permanência. A comunhão com Jesus se fortalece quando criamos espaço diário para ouvir Sua Palavra, falar com Ele em oração e permitir que o Espírito Santo nos forme interiormente.³⁴

Os materiais de apoio reforçam que muitas crises espirituais não começam no pecado visível, mas no abandono progressivo da vida devocional. Quando o tempo com Deus é substituído por atividades, distrações ou até pelo próprio serviço cristão, a comunhão enfraquece. A vida devocional diária protege o coração contra esse esvaziamento espiritual, mantendo Cristo no centro das decisões.

³¹ F. F. Bruce, *The Book of the Acts* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1988), 229–231.

³² Stanley M. Horton, *Teologia Sistemática: Uma Perspectiva Pentecostal* (Rio de Janeiro: CPAD, 1996), 548–552.

³³ Craig S. Keener, *The Gospel of Matthew: A Socio-Rhetorical Commentary* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2009), 214–216.

³⁴ Walter Brueggemann, *The Psalms and the Life of Faith* (Minneapolis: Fortress Press, 1995), 35–38; Antonio Gilberto, *Prática da Vida Cristã* (Rio de Janeiro: CPAD, 2011), 87–92.



- “A nossa vida devocional sustenta todos os fundamentos citados acima. É nela que a graça é relembrada e celebrada, a fé é fortalecida e a identidade é reafirmada. Sem devoção diária, a graça pode ser esquecida, a fé pode oscilar e nossa identidade em Cristo pode se diluir.”

Com devoção diária, a comunhão se torna estilo de vida, e não apenas experiência esporádica. Assim, a vida devocional diária não é um fim em si mesma, mas o meio pelo qual permanecemos em Cristo e frutificamos para a glória de Deus com o auxílio do Espírito Santo (Jo 15ss.).

4.1 Desenvolvendo uma vida devocional diária e consistente.

A vida devocional diária não se sustenta por improviso, mas por princípios espirituais claramente revelados nas Escrituras. A Bíblia nos mostra, por meio de exemplos concretos, como homens e mulheres de Deus cultivaram uma comunhão constante, profunda e transformadora com o Senhor.

a. Estabelecer um tempo fixo e intencional com Deus.

A consistência da vida devocional começa com decisão e intencionalidade. O próprio Jesus nos deixou esse exemplo:

Marcos 1:35

“E, levantando-se de manhã muito cedo, estando ainda escuro, saiu, e foi para um lugar deserto, e ali orava.”

A comunhão não era algo eventual na vida de Jesus, mas parte de Seu ritmo diário.

Definir um tempo específico para estar com Deus, ainda que simples, cria constância espiritual. A regularidade forma o coração mais do que encontros longos e esporádicos. Uma devoção curta, mas diária, sustenta mais a comunhão do que momentos intensos, porém irregulares.

b. Integrar a Palavra e a oração de forma relacional.

Uma vida devocional saudável integra leitura da Palavra e oração, pois é nesse movimento que o relacionamento se aprofunda. O Senhor orientou Josué:

Josué 1:8

“... não se aparte da tua boca o livro desta lei; antes, medita nele dia e noite...”

A meditação bíblica conduz à obediência e à transformação interior. Quando essas duas práticas caminham juntas, a devoção deixa de ser mecânica e se torna relacional. A Escritura é lida não apenas para informar, mas para formar o coração segundo a vontade do Senhor. Não nos referimos aqui ao estudo e à pesquisa relacionados às ministrações para as quais você esteja se preparando, mas sim, ao seu encontro diário com o alimento e sustento da sua alma e seu momento de encontro íntimo com Jesus e Sua Palavra. Insistimos - *aplique-se nisto.*

c. Proteger o tempo devocional das distrações.

Grande parte da fragilidade devocional não nasce da falta de tempo, mas da falta de qualidade deste, causada pelo excesso de distrações. Jesus ensinou claramente:

Mateus 6:6

“...entra no teu quarto e, fechada a porta, ora a teu Pai...”

O ensino aponta para separação intencional, foco e prioridade. Proteger o tempo devocional é também um ato de batalha espiritual. Aquilo que não é guardado com zelo acaba sendo substituído por tarefas cotidianas, pela ociosidade, por urgências (*que, em 99%, não são legítimas*) e até pelo próprio serviço cristão. Separar um ambiente e silenciar as distrações é reconhecer, na prática, que a comunhão com Jesus ocupa o lugar central em sua vida.



d. Praticar o devocional como estilo de vida, não apenas como ritual.

A vida devocional não se limita a um momento isolado - ela se estende ao longo do dia como estilo de vida diante de Deus. Isaque nos oferece um exemplo precioso:

Gênesis 24:63

"Isaque saíra a meditar no campo, à tarde..."

O texto revela uma prática regular, integrada ao cotidiano.

Essa espiritualidade constante forma um coração sensível à presença de Deus. Pequenas orações, vigilância interior, gratidão e meditação mantêm a comunhão viva ao longo do dia. Assim, a devoção deixa de ser apenas um ritual e se torna um hábito espiritual, de quem vive realmente na presença do Senhor.

e. Caminhar em comunhão.

A vida devocional também é fortalecida na comunhão com outros irmãos. Em Filipos, Paulo e seus companheiros *"foram, no dia de sábado, a um lugar onde se costumava fazer oração"* (At 16:13). Ali encontraram Lídia, e daquele encontro nasceu comunhão, conversão e igreja.

A espiritualidade bíblica não é isolada. Compartilhar a caminhada e aprender em comunidade ajuda a perseverar na fé e também assume um caráter evangelístico e de assistência espiritual, especialmente em tempos de cansaço, crises e lutas que alguém possa estar enfrentando.

A comunhão com os irmãos sustenta e fortalece a constância da comunhão com Deus, e temos, em nosso Ministério, uma ferramenta extraordinária para isto, a *Família Cristã*. Se você ainda não desfrutar das benesses deste programa da Igreja, procure hoje mesmo seu pastor local ou o líder do departamento do qual você faz parte e *comece seu ano*, enriquecendo a sua vida e família com mais Palavra e a presença do Senhor.

Em síntese - uma vida devocional diária consistente não nasce da obrigação, mas da consciência de pertencimento. Quem comprehende a graça, vive pela fé e tem sua identidade firmada em Cristo deseja naturalmente estar com o Senhor.

As práticas devocionais não criam a comunhão - elas preservam, aprofundam e sustentam a comunhão que já recebemos em Jesus.

CONCLUSÃO

Ao longo desta palavra, fomos conduzidos ao CONHECIMENTO, e aprendemos que ser relevantes para Deus é viver em comunhão com Jesus.

Não falamos de uma comunhão superficial, ocasional ou apenas emocional, mas de uma relação viva, contínua e formativa.

A graça nos alcançou quando não podíamos nos salvar e a fé nos mantém firmes independentemente das circunstâncias; a identidade em Cristo redefine quem somos e a vida devocional diária sustenta tudo isso no cotidiano da vida cristã.

A comunhão com Jesus não é um acréscimo à vida cristã, ela é o seu centro. Quando essa comunhão é preservada, toda a vida se organiza corretamente. Quando ela é negligenciada, mesmo boas atividades espirituais perdem o sentido.



Por isso, ser relevante para Deus não começa no que fazemos para Ele, mas em quem nos tornamos n'Ele. A verdadeira relevância espiritual é refletir Cristo de forma visível, coerente e perseverante no dia a dia.

Diante disso, somos chamados não apenas a compreender, mas a responder a essa palavra com atitudes concretas.

AÇÕES PRÁTICAS

1. Reorganize suas prioridades a partir da comunhão com Jesus

A comunhão com Cristo nos chama a rever o que ocupa o centro da nossa agenda e do nosso coração. Assim como Maria escolheu a “*boa parte*”, somos convidados a colocar a presença de Jesus antes das urgências e do ativismo religioso. Isso implica em tomar decisões práticas: *reorganizar horários, reduzir distrações e proteger o tempo com o Senhor Jesus*. Uma vida relevante para Deus começa quando a presença precede a performance.

Reflita: *O que hoje compete com o meu tempo diário com Jesus?*

2. Viver diariamente a identidade que recebemos em Cristo

A comunhão com Jesus forma uma identidade visível. Somos chamados a viver como aqueles que pertencem a Cristo, refletindo Seus valores em palavras, atitudes e escolhas. Isso significa dizer “*não*” ao que não expressa o Reino, e “*sim*” ao que revela o caráter de Cristo em nós. Quando nossa identidade está clara, nossas decisões se alinham e nossa fé se torna coerente e reconhecível.

Reflita: *Minhas escolhas diárias refletem quem eu sou em Cristo?*

3. Sustente a comunhão por meio de uma vida devocional diária consistente.

Nenhuma comunhão permanece saudável sem cuidado contínuo. A vida devocional diária, a Palavra, a oração e a meditação são resultado da comunhão ativa e o meio pelo qual permanecemos em Cristo.

Não se trata de perfeição, mas de constância. Mesmo em dias difíceis, escolhemos estar com o Senhor, porque entendemos que é na presença d'Ele que somos renovados, corrigidos e fortalecidos.

Reflita: *Que passo concreto posso dar hoje para tornar minha vida devocional mais constante?*

Que o Senhor nos conduza a um lugar mais profundo de comunhão com o Senhor Jesus, onde a graça nos sustente, a fé nos firme, a identidade nos forme e a devoção nos preserve. E que, ao vivermos assim, nossa vida se torne, de fato, relevante para Deus, não apenas pelo que fazemos, mas por quem refletimos: Jesus Cristo, nosso amado Senhor e Salvador.

God bless you, and your Family!

E não se esqueça: **“O Senhor Jesus Cristo se importa com você!”**

*Pr. Francis Brito
ADBelém - London – UK*

Janeiro de 2026

BIBLIOGRAFIA

Bauer, Walter; Frederick W. Danker, William F. Arndt, and F. Wilbur Gingrich. 2000. A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature. 3rd ed. Chicago: University of Chicago Press.

Bruce, F. F. 1988. The Book of the Acts. Grand Rapids, MI: Eerdmans.

Brueggemann, Walter. 1995. The Psalms and the Life of Faith. Minneapolis: Fortress Press.



- Fee, Gordon D. 2007. *Pauline Christology: An Exegetical-Theological Study*. Peabody, MA: Hendrickson.
- Fee, Gordon D. 1995. *Paul's Letter to the Philippians*. Grand Rapids, MI: Eerdmans.
- Giddens, Anthony. 1991. *Modernity and Self-Identity: Self and Society in the Late Modern Age*. Stanford, CA: Stanford University Press.
- Gilberto, Antonio. 2008. *Teologia Sistemática Pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD.
- Gilberto, Antonio. 2011. *Prática da Vida Cristã*. Rio de Janeiro: CPAD.
- Harris, Murray J. 2005. *The Second Epistle to the Corinthians*. Grand Rapids, MI: Eerdmans.
- Horton, Stanley M. 1996a. *A Doutrina Bíblica do Espírito Santo*. Rio de Janeiro: CPAD.
- Horton, Stanley M. 1996b. *Teologia Sistemática: Uma Perspectiva Pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD.
- Jobes, Karen H. 2005. *1 Peter*. Grand Rapids, MI: Baker Academic.
- Keener, Craig S. 2003. *The Gospel of John: A Commentary*. Vol. 1. Peabody, MA: Hendrickson.
- Keener, Craig S. 2009. *The Gospel of Matthew: A Socio-Rhetorical Commentary*. Grand Rapids, MI: Eerdmans.
- Keener, Craig S. 2014. *The Gospel of Luke: A Socio-Rhetorical Commentary*. Grand Rapids, MI: Eerdmans.
- Koehler, Ludwig, and Walter Baumgartner. 2001. *The Hebrew and Aramaic Lexicon of the Old Testament*. Rev. ed. Leiden: Brill.
- Moo, Douglas J. 2013. *Galatians*. Grand Rapids, MI: Baker Academic.
- Stott, John. *The Cross of Christ*. Downers Grove, IL: IVP Academic, 2006
- Subirá, Luciano. 2010. *Até que Nada Mais Importe*. Campinas, SP: Orvalho.com.
- Comunhão com Jesus – Carta aos Gálatas. Material didático interno.
- Pregação sobre Marta e Maria: A Melhor Parte.